

- **C** CCC - C. CULTURAL E CONGRESSOS
(Estacionamento 60 min. gratuito)
- **H** HOSPITAL
- **M** MERCADO DA FRUTA
- **R** LARGO DA RAINHA

CLAYTON

Uma Ideia Clara

LUNIRA
A CENSURA
PELA
CULTURA

A partir da Coleção da CGD

COMITADINHA DO
ESAD.

Curadores

Ana Yse Rocha
Angela Pinciotti
Carlos Cordeiro
Carolina Morais
Francisca Caridade
Inês Dias
João Grilo
Leonor Dias
Leonor Lima
Lígia Afonso
Maria Pacheco
Maria Beatriz Veloso
Matilde Milhões Maia
Sara da Silva
Roberto Domingues
Violeta Gregório

Centro de Artes de Caldas da Rainha (Museu Leopoldo Almeida, Atelier Museu António Duarte, Espaço Concas) e Sala Multiusos | Biblioteca da ESAD.CR – Escola Superior de Artes e Design do Politécnico de Leiria

Curadoria coletiva da turma de 2023-2025 da licenciatura em Programação e Produção Cultural da ESAD.CR e de Lígia Afonso

28 NOVEMBRO 2024 A 3 DE MARÇO 2025

Partindo de uma multiplicação inquietante, esta exposição propõe um desafio: poderá extrair-se clareza de uma história que insiste em desdobrar-se? Nomeamos esta exposição sugeridos por uma tela em branco que carrega tanto o que revela como o que permanece oculto. Tal é a narrativa que esculpimos para esta cidade, onde o fazer artístico é fértil em interrogações - pausas onde repousam as nossas certezas.

A exposição propõe uma reflexão sobre a identidade e a memória do trabalho artístico individual e coletivo produzido ou apresentado nas Caldas da Rainha, percorrendo 74 anos (de 1950 a 2024) de uma cidade que afirmamos como um incontornável centro de produção artística contemporânea.

Tomando como âncora episódios históricos como o Estúdio SECLA (50-60), o Caldas 77: IV Encontros Internacionais de Arte em Portugal, a Bienal Internacional de Escultura das Caldas (85-97), a criação da ESTCAD/ESAD.CR (1990-2024), a Galeria 30 Dias (2000), o Jardim da Água (décadas de 90 a 2000), o Caldas Late Night (1997-2024) ou o Slow Motion (2000-2003), a exposição parte de uma seleção de obras da coleção da CGD de artistas que têm, ou tiveram, contacto com as Caldas da Rainha e que permitem contar uma história da arte e dos acontecimentos artísticos em Portugal a partir desta cidade.

Esta travessia por 74 anos das Caldas é uma história que se reescreve ao toque de cada obra. Com a Coleção CGD como espinha dorsal, destacamos o trabalho

de artistas cuja trajetória se entrelaça com estes episódios e cidade. Ao lado destes, três outros artistas e coletivos fundamentais para a leitura desta história, cujo percurso se iniciou na ESAD.CR e cuja obra é omissa da coleção da CGD, foram convidados a produzir obras especificamente para o espaço da exposição.

Esta viagem, que é também um exercício pedagógico atravessado por várias unidades curriculares (história das artes visuais contemporâneas, projeto de programação e produção cultural, mediação artística e cultural) e por turmas de vários anos, obriga a pensar no passado e no futuro com a mesma abertura. O processo implicou visitas a exposições, reconhecimento de espaços, consulta de acervo, visita às reservas, encontros com curadores, produtores e conservadores, investigação histórica, definição conceitual, contato com artistas, seleção de obras, escrita de textos, planificação de exposição, apoio à criação, dinâmica de montagem e ações de mediação, bem como com uma colaboração com a licenciatura e o mestrado de Design Gráfico e Multimédia.

A pergunta que se coloca na partida não pede solução na chegada, mas acolhe a incerteza do percurso artístico ainda por trilhar, o legado a ser levado avante por quem a lê. É a promessa de uma história que ainda se constrói, nas entrelinhas de cada época e nas ações que estão por vir.

Artistas representados na Coleção CGD

Adriana Proganó
Albuquerque Mendes
Ana Vidigal
Ana Vieira
Bartolomeu Cid dos Santos
Bruno Pacheco
Catarina Lopes Vicente
Clara Menéres
Fernando Travassos
Filipa César
Francisco Queirós
Hansi Staël
Hugo Canoilas
João Gabriel
João Paulo Feliciano
Jorge Queiroz
Júlio Pomar
Luís Ferreira da Silva
Paulo Quintas
Pedro Cabrita Reis
Pedro Diniz Reis
Ricardo Jacinto
Von Calhau!
Zé Júlio

Artistas Convidados

Pizz Buin
Sara & André
Carlos Bunga

74x CALDAS = UMA IDEIA CLARA?

A partir da Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Museu Leopoldo de Almeida
09

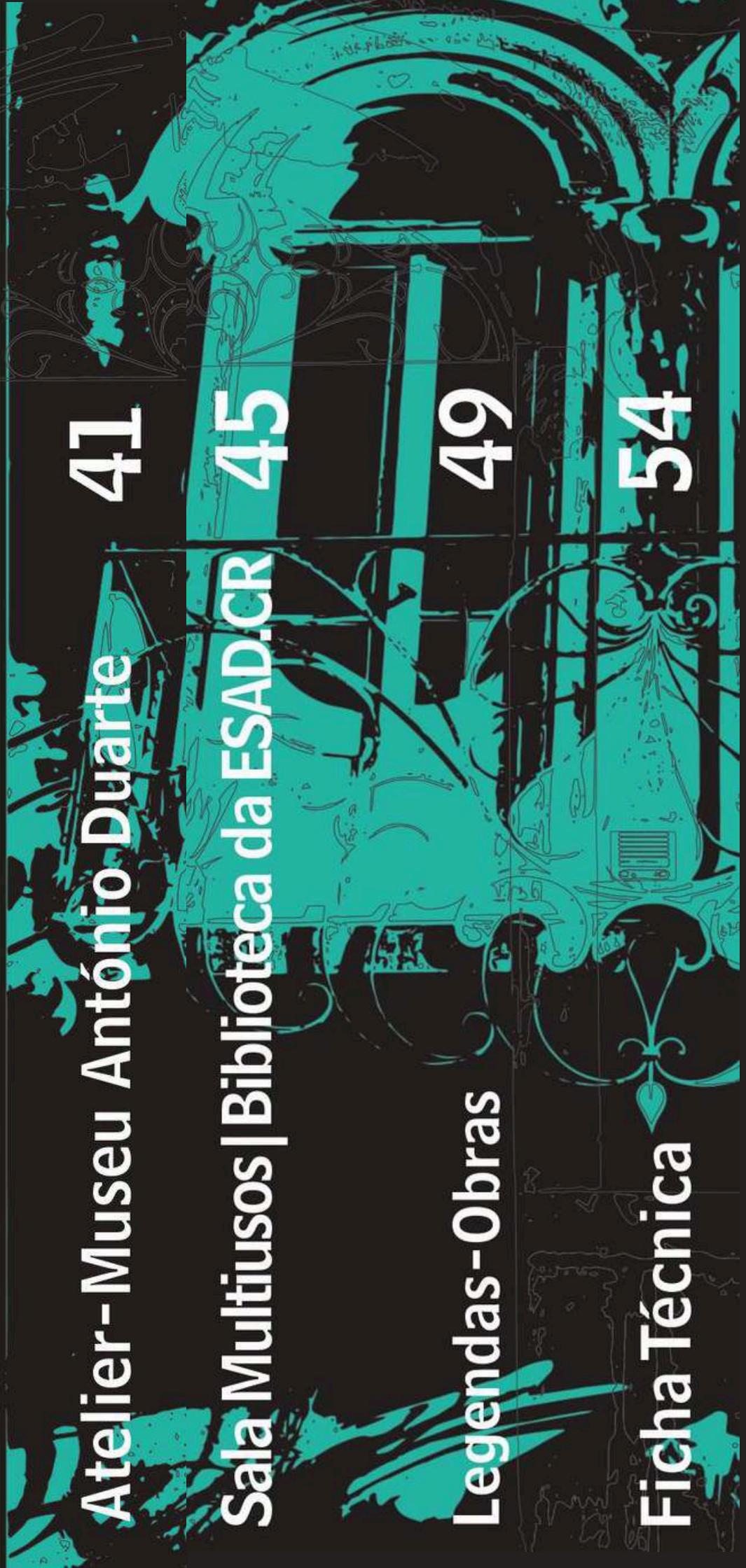
Espaço Concas
31

Atelier - Museu António Duarte
41

Sala Multiusos | Biblioteca da ESAD.CR
45

Legendas - Obras
49

Ficha Técnica
54



ESTÃO A
DEIXAR QUE
CHOVA NOS
TRABALHOS
DE A P!!!

MUSEU LEOPOLDO
DE ALMEIDA

CAFDAS A A I

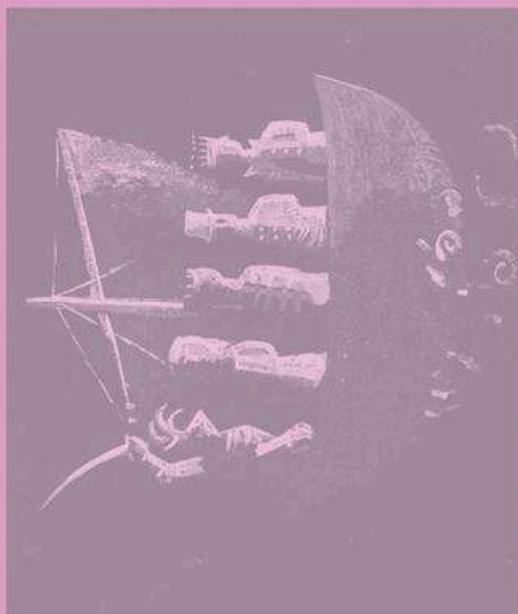
TELEFONE

Lisboa, 1931 - Londres, 2008

Bartolomeu Cid dos Santos

Formou-se na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e rumou a Londres, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, onde integra o Departamento de Gravura da Slade School of Fine Art como aluno e depois como professor. O seu espírito coletivo e presença contínua nas oficinas da escola contribuíram para a renovação do ensino da mesma, tendo-se destacado como referência fundamental na área. Em Portugal, criou uma oficina de gravura em Tavira e foi professor na escola de verão da Estgad (hoje ESAD.CR), nas Caldas da Rainha, entre 1998 e 2001, tendo ajudado a reformular a oficina de gravura da escola, num modelo próximo da Slade. As suas gravuras a preto e branco aqui apresentadas são atravessadas por ideias como a viagem e a exploração, mas também a repressão política, a guerra colonial e a violência do estado. Muitas vezes habitadas por figuras de pedra, de forte cariz escultórico, evocam uma história que dialoga, por oposição, com a coleção permanente do museu Leopoldo Almeida.

Maria Beatriz Veloso e Lúcia Afonso



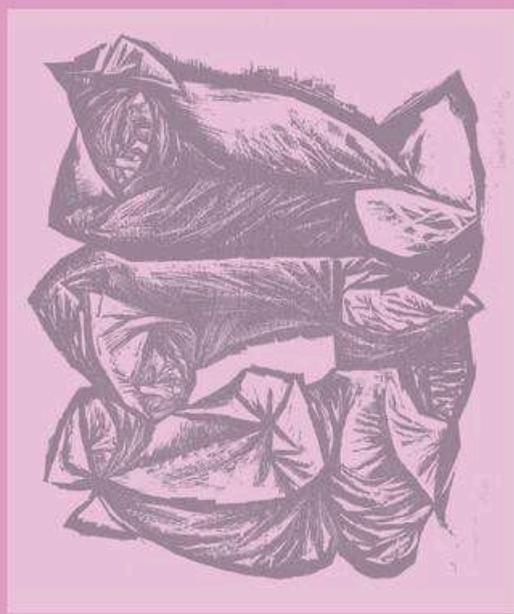
8

Porto, 1928 — Caldas da Rainha, 2016

Luís Ferreira da Silva

Natural da cidade do Porto, estuda em Coimbra, persegue o vidro na Marinha Grande, depois a cerâmica no Bombarral e Alcobaça, mas a sua trajetória em busca da luz nas matérias plásticas ganha sobretudo relevo com a sua fixação definitiva na cidade das Caldas da Rainha. Ingressa na SECLA em 1954 e ali se mantém até 1970. Em 1961 passa a dispor de um estúdio de trabalho exclusivo, o "Curral", onde produz peças únicas, e em 1966 obtém uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian para Paris. Na cerâmica, destaca-se o seu trabalho experimental em peças de escalas, formas e vidrados inovadores. A gravura, ofício que aprende em Coimbra aos doze anos, é desenvolvida enquanto "atividade noturna" na Fábrica Bombarralense, ganha visibilidade após o seu encontro com Júlio Pomar e a consequente participação em mostras colectivas de gravura em Portugal onde partilha da estética e das temáticas neo-realistas.

Carolina Morais e Lúcia Afonso

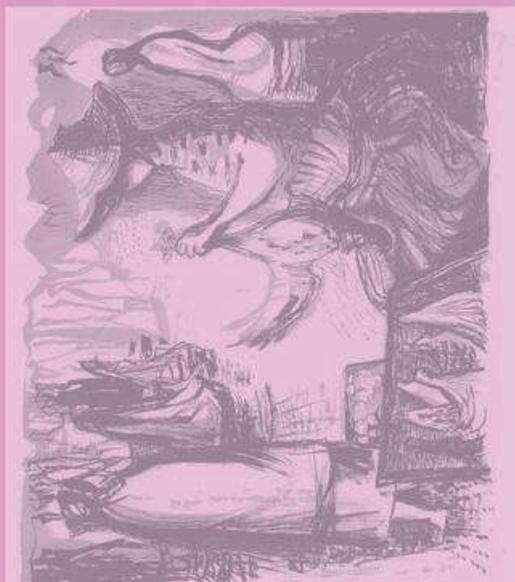


9

Forma-se em Artes Gráficas e Cerâmica na Escola de Artes e Ofícios de Viena de Áustria e em Pintura na Academia de Belas Artes de Budapeste. Depois de uma passagem por Estocolmo fixa-se em Portugal, expondo no SNI em 1946. Frequenta o estúdio de João Fragoso, onde estabelece contacto com Fernando da Ponte e Sousa, um dos sócios da SECLA, empresa para a qual viria a trabalhar nas Caldas da Rainha a partir de 1950. A partir de 1954 assume a direção artística da fábrica e coordena o “estúdio” SECLA, contribuindo activamente para a renovação estética da fábrica. É sócia fundadora da Cooperativa Gravura, em 1956, e desenvolve uma prolífica produção de litografias e águas-forte, que revelam um interesse na observação das gentes locais, ofícios tradicionais e cultura popular, alinhado com a estética e as temáticas do neo-realismo português. Graves motivos de saúde levam-na a abandonar a SECLA e a falecer poucos anos depois, em Londres.

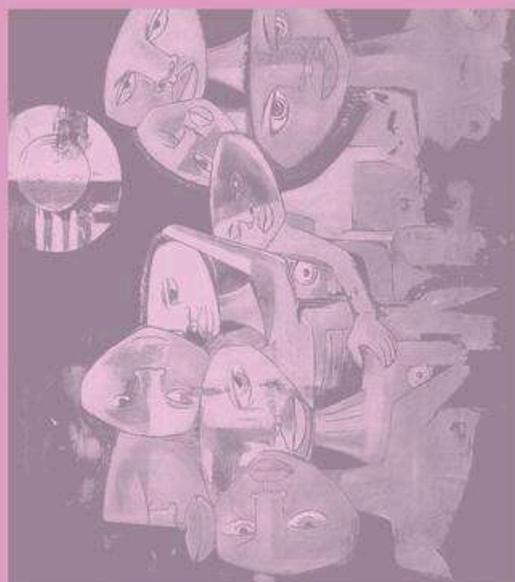
Leonor Dias e Lúcia Afonso

Hansi Staël



Parte para Moçambique em 1949, país onde uma vida construída como faroleiro se funde com a criação artística, sagrando-se como «pintor-faroleiro», guardião da luz e da cor. As suas mãos sempre foram hábeis nos meios de impressão e o seu trabalho centrou-se no retratar de espaços, ritmos e vivências moçambicanas, com particular enfoque no colonialismo. Frequentou os cursos de desenho e pintura no Núcleo de Arte, associação fundada em Maputo em 1957 e a primeira que, em período pré-independência, ofereceu formação em múltiplas formas de expressão artística. Ali, foi aluno de João Ayres e privou com artistas como Malangatana. É desta cidade que retira inspiração para a obra agora exposta. Em 1977, volta a Portugal e passa a residir em Lisboa. Em 2024, retorna, com as “Meninas de Maputo” à cidade de onde é oriundo.

Sara da Silva



Zé Júlio

Albuquerque Mendes

Estuda Artes Plásticas na Universidade de Coimbra e realiza a sua primeira exposição no Círculo de Artes Plásticas. Logo após o 25 de abril de 1974 integra o grupo Puzzle, coletivo de vanguarda com uma linguagem plástica, performativa e social e com uma assinalável prática de intervenções públicas em vários pontos do país. Desde os anos 1970, o percurso de Albuquerque Mendes move-se livremente entre a instalação, a performance e a pintura, práticas transversais a uma obra profundamente crítica que interroga, com ironia, os contextos de produção e leitura da história da arte, chegando mesmo, como no caso da pintura apresentada, a reproduzir ou a introduzir os próprios instrumentos da feitura da obra. Participou nos IV Encontros Internacionais de Arte, nas Caldas da Rainha, em 1977, onde realizou, em conjunto com Julieta Dixó, quatro rituais entre o Museu José Malhoa e a Praça da República, com referência a procissões, manifestações e outros misticismos populares.

Carlos Cordeiro e Lígia Afonso



12

João Paulo Feliciano

É formado em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade de Lisboa. Trilhando um percurso não linear, envolveu-se com a música e o design gráfico, áreas que influenciaram a sua abordagem artística. As suas primeiras criações envolviam instalações com som, luz, cor, a manipulação da tecnologia, do espaço e da percepção do espectador. Experimenta múltiplos campos de expressão entre objectos, pintura, desenho, fotografia, vídeo, música, arquitetura e performance. Em conjunto com o seu irmão Mário Feliciano, criou o Real Combo Lisbonense, uma orquestra de música de dança que explora os primórdios da música pop portuguesa. Fundou também a sua própria editora discográfica e produtora musical: a Pataca Discos. Nesta exposição apresenta a série de fotografias "Xerox Landscape" (de 1993) e a obra "Podium Attached to its Own Fake Shadow" (de 1990), com linguagens tão diversas quanto o universo polissémico do artista, que voltou a viver recentemente nas Caldas da Rainha.

Maria Pacheco e Matilde Milhões Maia

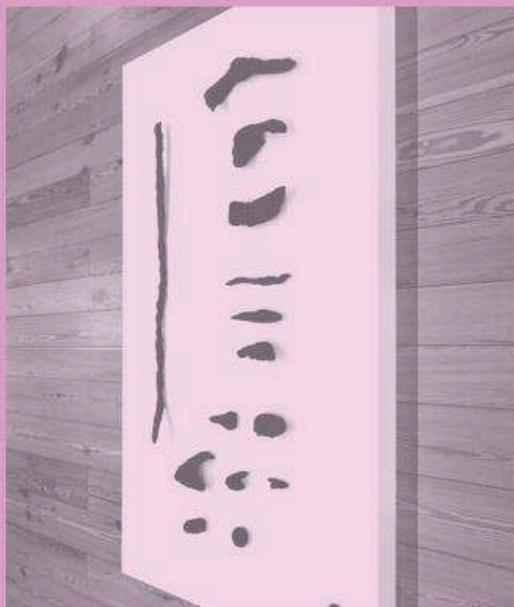


13

Catarina Lopes Vicente

Formou-se em Artes Plásticas na ESAD das Caldas da Rainha, concluindo a licenciatura em 2013 e o mestrado em 2015. Em 2022 realizou o Curso de Artes Visuais organizado pela FLAD, Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas, Açores. A sua prática enraiza-se na experimentação e instantaneidade, tentando no seu trabalho manter essa fidelidade entre o pensamento e a ação. A artista acredita no desenho como instrumento crítico e investigativo, e como a forma mais imediata de expressar a relação entre o processo cognitivo e a emoção do momento. Recentemente o seu trabalho tem procurado aprofundar a relação entre o caminhar e a descobrir através da produção de objectos/esculturas. Em 2023, foi uma das artistas vencedoras da 20ª edição do concurso Caixa para Jovens Artistas e em 2024 foi seleccionada e finalista do Prémio Norberto Fernandes, Altice.

Francisca Caridade



Ricardo Jacinto

É um artista multidisciplinar português, contemporâneo, que trabalha em diversas áreas, incluindo escultura, instalação, performance e música. O seu trabalho articula elementos arquitetónicos, sonoros e espaciais, criando instalações e intervenções que convidam o espectador a interagir com o ambiente e com a sua percepção alterada. É doutorado em Música e Artes Sonoras pelo Sonic Arts Research Center, em Belfast, formado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa e em Escultura e Artes Visuais Avançadas na Ar:Co, em Lisboa, tendo também estudado na School of Visual Arts, Nova Iorque, no Hot Clube e a Academia de Amadores de Música de Lisboa. Colabora extensivamente com outros artistas, músicos e performers, e é co-fundador da OSSO - Associação Cultural, espaço de investigação artística em São Gregório, Caldas da Rainha. Foi docente dos cursos de Artes Plásticas e de Mestrado em Artes do Som e da Imagem na ESAD.CR.

Francisca Caridade e Lúgia Afonso



Licenciado em Artes Plásticas na ESAD. CR, escola onde descobriu serem mais importantes os momentos passados fora da sala de aula. Foi, e ainda é, um agitador cultural da comunidade artística "esadiana", tendo por exemplo organizado a Galeria dos 30 Dias, episódio artístico de referência para esta exposição. Ruma para Budapeste em 2004, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian em Londres, onde completou um mestrado em Pintura no Royal College of Art, e hoje vive em Viena. Trabalha com vários meios: o seu trabalho surge das suas experiências como corpo pulsante neste mundo e das infinitas possibilidades que estas lhe oferecem. Diz que as suas obras nascem sempre da tradução física do caos em que vive. As suas duas peças que integram esta exposição remontam para o início da sua carreira, cuja linguagem difere totalmente do seu trabalho atual. O título de uma delas, "Uma ideia clara", ajuda, na sua forma interrogada, a conceitualizar e a dar nome a esta exposição.

Maiilde Milhões Maia e Sara da Silva

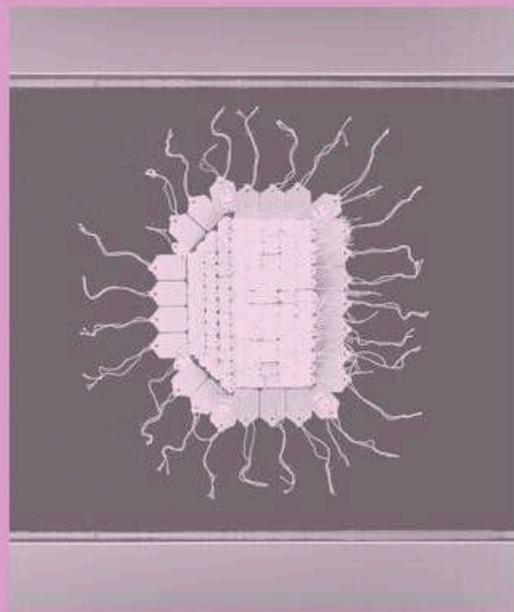
Hugo Canoilas



Faz o curso de Pintura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, é bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian e faz estágio de gravura em metal com Bartolomeu Cid dos Santos, em Tavira, em 1989. Integra a VII edição da Bienal Internacional de Escultura das Caldas da Rainha, em 1997, com as obras "El amor perjudica seriamente la salud" e "Quartos emprestados". Em 2019 é convidada pelo Centro de Artes a realizar uma exposição para o Museu Leopoldo Almeida a partir de uma carta branca aos espólios dos vários museus (António Duarte, João Fragoso, Barata Feyo, Leopoldo de Almeida). "Bela e Má" resultou numa instalação escultórica site-specific que atravessou longitudinalmente a sala das exposições temporárias do Museu e que expôs moldes, ferramentas ou mobiliário de fábrica em diálogo com objetos do arquivo pessoal da artista.

Leonor Dias e Lúcia Afonso

Ana Vidigal



Fernando Travassos

Parte do Baixo Mondego para as Caldas da Rainha, onde concluiu uma licenciatura e um mestrado em Artes Plásticas na ESAD.CR. Expõe regularmente desde 2011. É um operador estético da cidade onde escolheu viver, colaborando assiduamente com associações como o Grémio Caldense e Eletricidade Estética, assim como com outros artistas em formatos coletivos, colaborativos e performáticos multidisciplinares que implicam, muitas vezes, a participação do público. A sua obra desenvolve-se e transita - parecendo às vezes equivaler-se - entre a pintura e o desenho ou entre a figuração e a abstração, em composições de uma leveza quase etérea povoadas por manchas de cor pura e clara e traços definidos por um vocabulário caligráfico. Apresenta um caráter gestual, experimental e ensaístico, bem como uma diversidade de escalas e técnicas que revelam cromatismos sensíveis e grafismos esquisados em óleo sobre seda ou papel.

Inês Dias e Lúgia Afonso



Adriana Proganó

Formou-se na ESAD.CR, período durante o qual viveu nas Caldas da Rainha, tendo atribuído uma grande importância a essa experiência. Com uma bolsa Erasmus, estudou também na Accademia di Belli Arti em Veneza. Expõe desde 2018 e foi vencedora do Prémio Fundação EDP Novos Artistas em 2022. Dedicar-se à pintura, o seu suporte primordial, onde explora o seu próprio universo infantil, onírico, colorido e solar. As suas exposições apresentam uma componente instalativa e imersiva, apresentando obras que revelam um mundo de eventos exuberantes, feéricos e dinâmicos, em cromatismos vibrantes e psicadélicos, que testemunham a alegria de um espírito livre e a excitação do fazer de uma pintura viva. Os saltos imaginativos estão na base das suas pinturas não narrativas, nas quais a figuração é simultaneamente sofisticada e ingênua, espontânea e controlada, cândida e violenta, viajando numa permanente ambiguidade entre o infantil, o cómico, o etéreo, o fetichista e o explicitamente sexual.

Maria Beatriz Veloso e Lúgia Afonso



Pintor, licenciado e mestre em Artes Plásticas na ESAD.CR. Terminando os estudos, acabou por se manter na cidade de que tanto gosta, longe da confusão e do ritmo frenético da capital. Nas suas pinturas, retrata corpos vivos, pulsantes; figuras de homens congelados num segundo, suspensos de tensão, nos entretantos que se vivem entre os momentos mais intensos de uma magnetização destas figuras masculinas, etéreas, que se desejam. João Gabriel diz interessar-se pelos momentos, pelos gestos. Nas suas pinturas procura a ideia de erotismo, usando óleo sobre a tela, deixando-nos seguir com os olhos a coreografia do pincel com que cria as silhuetas que constroem as suas narrativas. Fez exposições individuais um pouco por todo o lado: de Bruxelas ao México, de Brunsvique a Taipei, de Madrid a Los Angeles, mantendo atelier no Centro de Artes.

Matilde Milhões Maia

João Gabriel



Iniciou a sua formação na Escola de Artes Decorativas António Arroio, frequentou a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa e a Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Colaborou no jornal "A Tarde", integrou a Juventude Comunista e depois o MUD juvenil, tendo sido preso pela PIDE em 1947, ano da sua primeira exposição individual e do mural realizado no Cinema Batalha. Foi precursor do neorrealismo e um dos protagonistas das Exposições Gerais de Artes Plásticas (1946-1956), uma das principais concretizações do movimento. A sua tendência integrativa conduziu-o à exploração de diferentes técnicas artísticas para além da pintura, nomeadamente gravura, escultura, ilustração, tapeçaria ou azulejos, mas também da pintura mural. Entre 1955 e 1957, produz cerâmica na fábrica SECLA, nas Caldas da Rainha, experiência e presença que influenciou inúmeros artistas locais e que ficou gravada, no moderno Café Central, num mural figurativo protagonizado por um unicórnio.

Roberto Domingues Lúcia Afonso



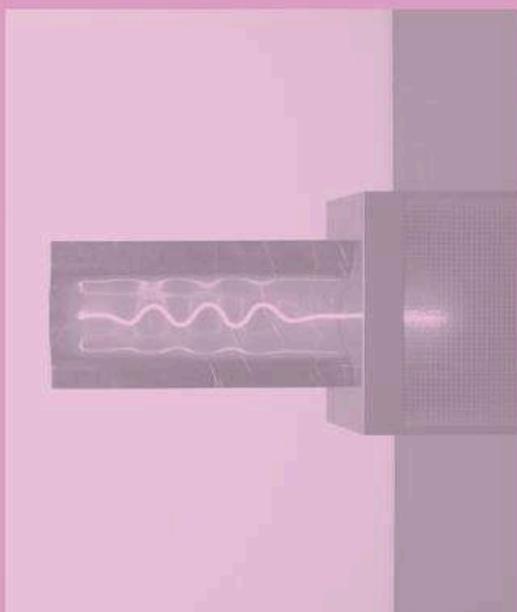
Júlio Pomar

Estudou escultura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto e foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris, onde se doutorou em Etnologia. Lecionou na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa e na Universidade de Évora. Os trabalhos iniciais de Clara Menéres suscitaram polémicas num meio artístico ainda em ditadura. Em 1974 integrou o Grupo Acre, grupo de ativismo político de guerrilha estética cujas últimas ações decorreram no âmbito do Caldas 77 - IV Encontros Internacionais de Arte em Portugal, por entre violência e ameaças. O combate feminista ao patriarcado continuará patente no período pós-revolucionário, com a produção de obras que convocam o corpo feminino e os cultos milenares da fecundidade. A partir de 1980, uma revelação de natureza mística leva Clara Menéres a iniciar um trabalho menos provocatório, de um essencialismo formal e material, nomeadamente uma série de obras sensoriais em pedra e luz que exploram as ideias de transcendência e êxtase.

Carlos Cordeiro, Lúgia Afonso e Sara da Silva

Clara Menéres

22

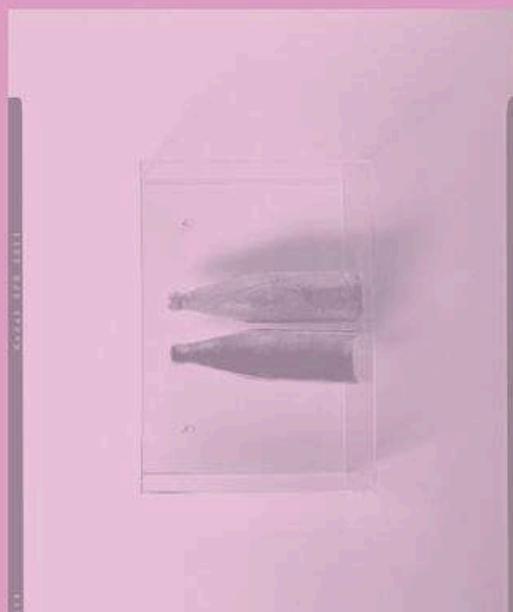


Ana Vieira foi criada em S.Miguel, nos Açores, e formada em Pintura pela Escola de Belas-Artes de Lisboa. Destaca-se por uma abordagem multidisciplinar que cruza o teatro, a pintura, a escultura, a fotografia, o som, o ambiente ou a instalação. A reflexão em torno do corpo e do espaço, ou a desconstrução dos mecanismos de consagração e recepção da arte, são problemáticas transversais ao conjunto da sua obra. Explorou temas como o corpo e o espaço quotidiano, utilizando objetos comuns e os seus contornos, sombras, negativos ou silhuetas para operar jogos de tensão entre o visível e o invisível, o público e o privado, a presença e a ausência, a ocultação e a revelação, a transparência e a opacidade ou o interior e o exterior. Expôs em conjunto com Catarina da Câmara Pereira, na sexta-feira 31 da Galeria 30 Dias, nas Caldas da Rainha, um trabalho que dará posteriormente origem a "Antecâmara", trabalho seminal no percurso de Ana Vieira.

Ana Yse Rocha e Lúgia Afonso

Ana Vieira

23

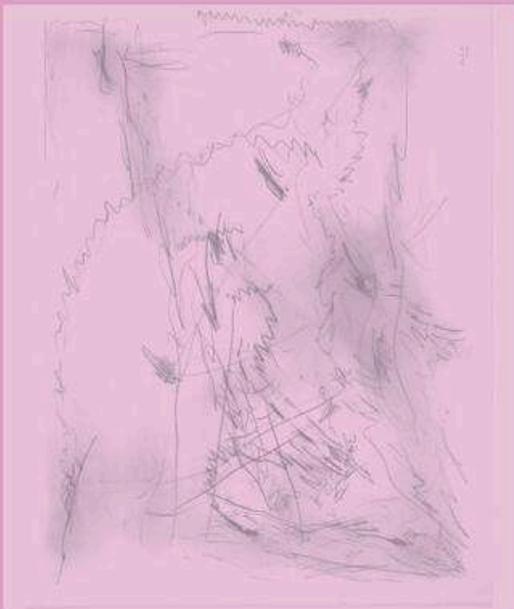


Pedro Cabrita Reis - ou Cabrita - trabalha com escultura, pintura, fotografia, desenho e instalações, explorando materiais como o metal, o vidro, a madeira e o betão, ou reciclando materiais simples e quotidianos, submetendo-os a gestos e processos primordiais e construtivos. Os seus trabalhos exploram temas ligados ao espaço, à arquitetura e à memória, misturando elementos industriais com formas e ações poéticas. Participou em grandes exposições internacionais, como a Bienal de Veneza, a Bienal de São Paulo ou a Documenta de Kassel, sendo uma das mais destacadas figuras da arte contemporânea portuguesa. Expôs no sábado dia 25 da Galeria 30 Dias, nas Caldas da Rainha, a obra "Ter uma casinha no campo", um acrílico sobre pintura a óleo.

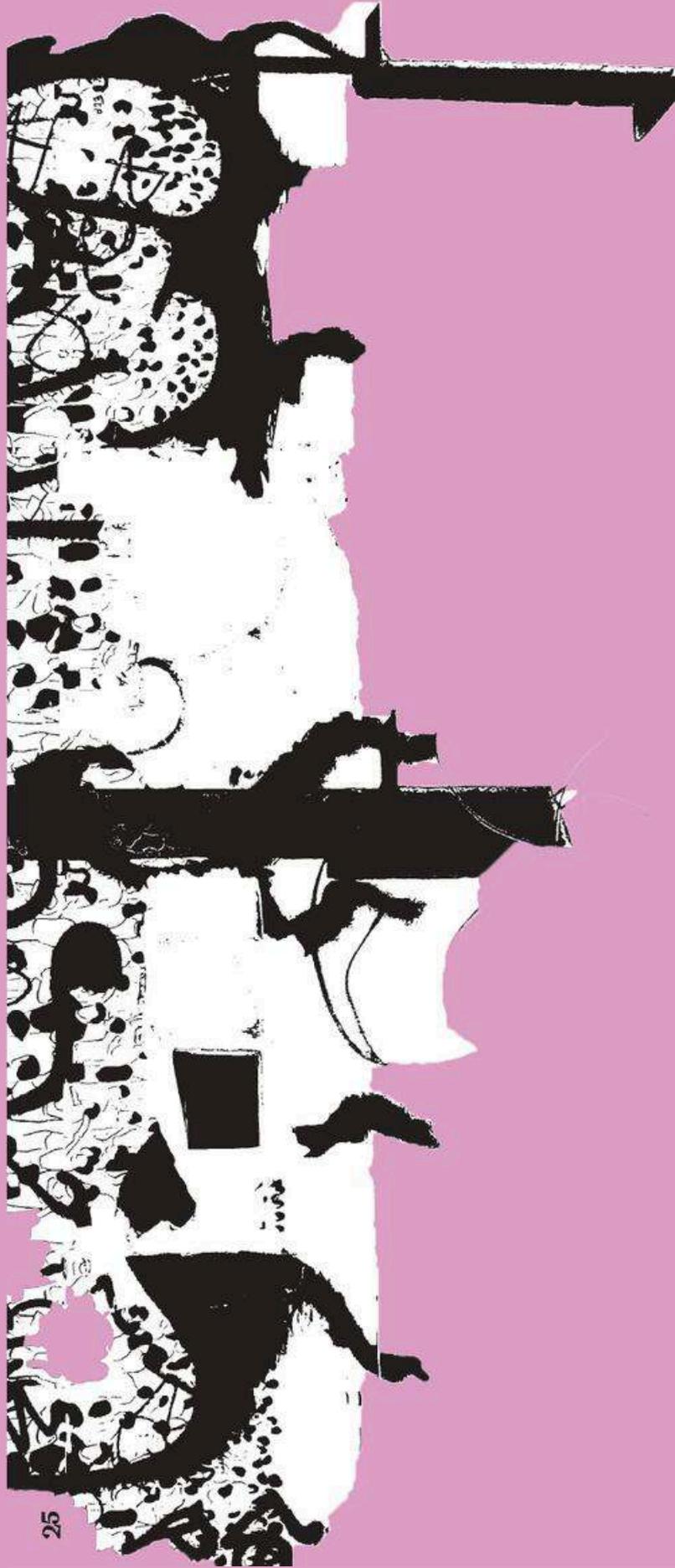
João Crilo, Lígia Afonso e Sara da Silva

Pedro Cabrita Reis

24



25

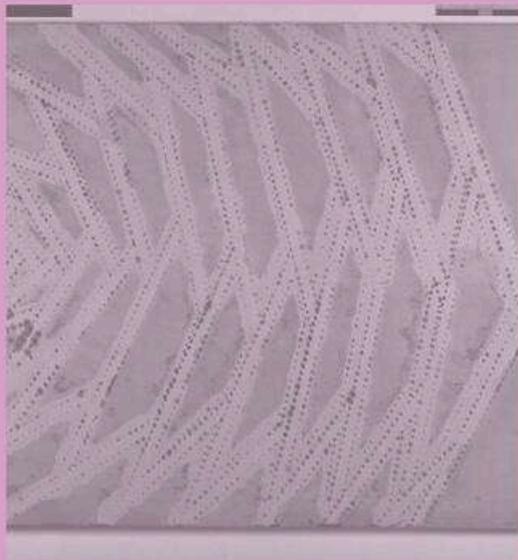


Doutorado em Pintura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa e docente do curso de Artes Plásticas da ESAD.CR. A sua pintura abraça técnicas muito diversas, num registo sempre experimental, serial e gestual, em composições que recorrem diferentemente ao expressionismo, à abstração, à paisagem - e aqui, em particular, o deserto, o vento, a areia... -, à geometria e ao signo. O artista rejeita a interpretação e a representação, defendendo antes uma "pintura radical e rebelde" para uma obra "sempre inacabada", uma imagem que contém todas as outras e que é independente do seu título. Entre as suas inúmeras exposições individuais, uma delas, "Abstrato 1987-2015" decorreu no Espaço Concas - Centro de Artes, nas Caldas da Rainha, em 2015.

Carolina Moraes e Lúcia Afonso

Paulo Quintas

26



Licenciado em Artes Plásticas nas Belas Artes de Lisboa e em Fine Arts no Goldsmith College, University of London, Londres. Através de uma contínua recolha de imagens, o artista observa e captura fragmentos que muta em pinturas e vídeos. Em 2002, foi o projeto "Slow Motion" que trouxe o pulsar do seu trabalho videográfico a público, nas Caldas da Rainha e em Lisboa. O seu trabalho, visual ou audiovisual, tanto revela multidões como ecos isolados. Caracteriza-se por uma ambiguidade específica em relação ao campo da representação, numa nota de intenção onírica. Antecipa o olhar ansioso do espectador, exigindo envolvimento. As obras expostas revelam um autorretrato caricatural, onde o artista se submete a atos de autodepreciação que dissolvem a barreira entre o exposto e o espectador; elevando a reação a componente da obra. Colocadas em diálogo com as estátuas permanentes do Museu Leopoldo de Almeida, emergem como uma presença que se afirma ao ceder lugar ao vazio, ocupado por quem vê.

Sara da Silva e Violeta Salviano Gregório

27

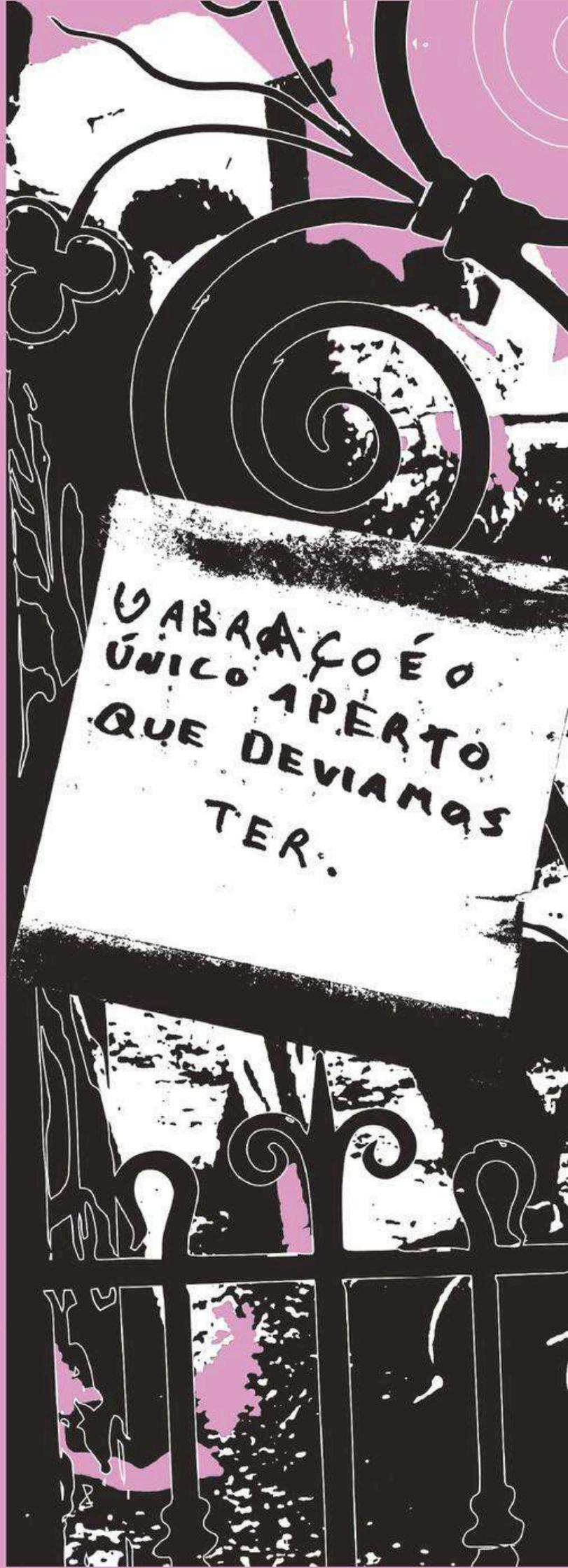
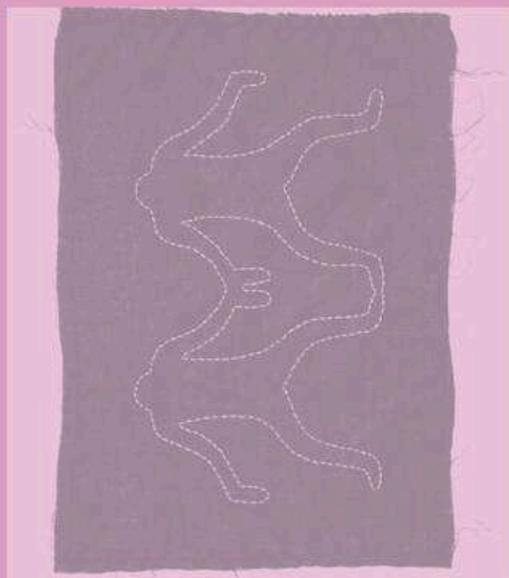


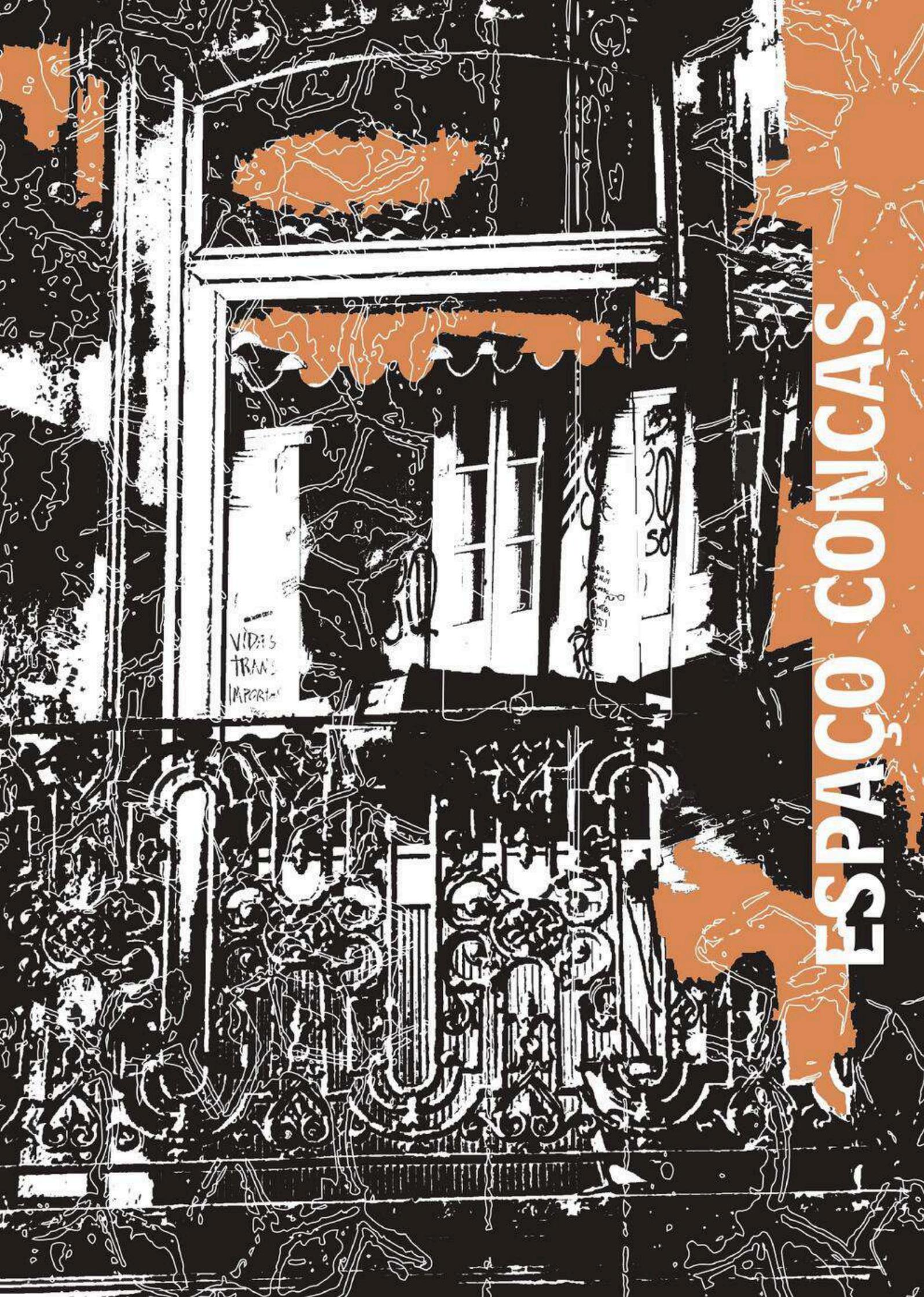
Bruno Pacheco

'Von Calhau!' são Marta Ângela e João Alves. Surgem no Porto, logo após a conclusão da licenciatura da Marta em Design de Comunicação na FBAUP e a do João em Artes Plásticas, na ESAD CR. Foi num workshop de curto-circuito eletrónico que se intersectaram e entenderam que ambos habitavam o hemisfério absurdista, concluindo que poderiam germinar uma cosmogonia ímpar. Trabalham obra gráfica, audiovisual, música, texto e performance, realizando concertos e performances, editando discos e publicações, realizando filmes e vídeos. Esotéricos e sincréticos, atuam como malabaristas sonoros e alquimistas visuais, reivindicando o direito a habitar nas margens do inclassificável. Permanecem a trilhar caminho, também a solo. Expuseram individualmente em espaços como a Fundação de Serralves (Porto), a Culturgest (Lisboa), o Palais de Tokyo (Paris) ou o Mackintosh Museum (Glasgow), voltando às Caldas da Rainha com uma obra híbrida de rombudos e bordados.

Sara da Silva

Von Calhau!





ESPAÇO CONCAS

Pedro Diniz Reis

Pedro Diniz Reis forma-se em Artes Plásticas na Universidade de Lisboa e desenvolve desde então uma prática focada sobretudo na videoarte, explorando ocasionalmente outros meios, como a fotografia, a performance e o som, relacionando-os. Na sua obra, Diniz Reis explora temas que aduzem a percepção temporal e a subjetividade da nossa condição, numa proposta de lentidão e contemplação que conduz a reavaliar os ritmos e as narrativas convencionais da imagem em movimento. A ligação que tece às Caldas da Rainha através da participação no "SlowMotion", projeta o seu trabalho e a cidade como elementos dialogantes da prática da arte contemporânea e do desenvolvimento da videoarte em Portugal. Apresenta no espaço Concas "de A a Z", um dos vários trabalhos que realiza a partir da transposição das letras do alfabeto em processos e enunciados operativos e sistémicos.

Leonor Lima e Violeta Salviano Gregório



Francisco Queirós

Formado na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, o artista desenvolve uma prática multifacetada que abrange pintura, desenho e escultura. A sua obra é caracterizada por uma profunda introspeção e uma observação subjetiva das emoções e experiências humanas, a par da exploração da identidade e o seu significado, questões socioculturais que o apoquentem, frequentemente articuladas através da ironia e do absurdo. A sua trajetória cruza-se com as Caldas da Rainha através da sua participação no projeto "Slowmotion" em 2002. O trabalho de Francisco Queirós desenvolve o potencial técnico e plástico do vídeo para construir cenários de fantasia e pequenas narrativas, simbolizando tanto estados de pura inocência como de subtil agressividade e violência.

Violeta Salviano Gregório





Pizz Buin é um colectivo artístico formado por Rosa Baptista, Irene Loureiro, Vanda Madureira e Sara Santos, então alunas do curso de Artes Plásticas na ESAD.CR, e que estabelece, ainda hoje, uma forte relação com o panorama artístico das Caldas da Rainha. Ao longo da sua carreira, o coletivo Pizz Buin tem-se destacado pela capacidade de construir narrativas visuais e performativas que desafiam a linearidade e a rigidez. Preferindo a multiplicidade, o entrelaçamento de significados, a criação de espaços onde a interpretação se torna um jogo, onde a provocação é um convite ao pensamento crítico, o percurso do colectivo é inspirado nas vanguardas artísticas dos anos 60/70, entendendo a crítica, o humor e a paródia como estratégias para questionar práticas e os discursos da arte contemporânea. O colectivo ganhou visibilidade com a exposição Prémios Novos Artistas 2007, da Fundação EDP, onde apresentou o projeto "Casa", uma instalação aparentada a um ambiente doméstico, integralmente constituída por cerca de 300 réplicas de obras de arte históricas.

desde 2005, Sara Santos, Rosa Baptista, Irene Loureiro e Vanda Madureira

Auf Auf, 2024 | nasce de uma *revisitação crítica e nostálgica ao espaço fundador do colectivo, usando como matéria-prima a(s) história(s) e o imaginário colectivo da própria escola e destacando símbolos e marcos na linha temporal da instituição. Mistura o real e o imaginário, o factual e o ficcional, para dar forma a uma obra que é simultaneamente um tributo e uma crítica, uma celebração e uma despedida, entendendo a escola não apenas como um lugar físico mas um conceito fluido, uma plataforma onde diferentes discursos e práticas se encontram e se confrontam. Assim, a obra torna-se um espelho das dinâmicas internas que moldaram a ESTGAD (hoje ESAD.CR): a tensão constante entre tradição e inovação, liberdade e normatividade, desejo de romper com o passado e a necessidade de se ancorar nele. A peça é composta por 60 peluches, entre os quais se destacam símbolos como "A cadeira do Poder" ou a Moldura do Balan, marcas como o "Ninja das Caldas", ou mesmo a representação de outros artistas ali nascidos, como "Sara & André". Encontram-se também ícones forjados, emblemas vividos como o Balzac, cão que assumiu o papel de mascote não-oficial da escola.*

Carolina Morais, Inês Dias, Leonor Lima, Maria Beatriz Veloso e Matilde Milhões Maia

A dupla constituída por Sara Nunes e André Brinco nasce e floresce na Escola Superior de Artes e Design, embora Sara estudasse, em simultâneo, na Escola Superior de Teatro e Cinema. É nas Caldas da Rainha que se conhecem e consolidam o interesse pela prática colaborativa e pela exploração de questões críticas no campo das artes visuais. Os artistas questionam os limites da autoria, a institucionalização da arte e as suas contradições, numa abordagem que propõe a apropriação e uma ironia crítica.

A experiência de ambos nas Caldas, marcada por um quotidiano interdisciplinar e experimental, deixou uma marca distintiva no seu trabalho, caracterizado pela utilização de diversas linguagens, como a performance, a instalação e o vídeo, numa constante reavaliação dos significados e valores no sistema artístico. O trabalho de Sara & André reflete também uma crítica incisiva ao mercado de arte e às hierarquias que este impõe, usando o humor como ferramenta para abalar convenções e suscitar reflexão sobre a própria estrutura da arte contemporânea em Portugal e no mundo.

Sara & André

Sem título (duplas), 2024 / *a busca por pares, através do treinamento da vista - para que estivesse atenta ao quotidiano em vez de procurar ativamente -, resulta numa coletânea de imagens que bebe das próprias ideias que originaram o nome artístico dos autores. Assim como "Sara & André", os nomes das fotografias são formados em duplas. Todas elas unidas pelo "G", recurso normalmente usado em nomes empresariais formados pela parceria entre duas entidades, que se vê, aqui, empregado de um teor satírico, anti-elitista e, conseqüentemente, anti-hierárquico. Para assentar esta crítica anti-elitista, a obra é desenvolvida não só consoante a arbitrariedade das imagens encontradas, mas também, desprovida do academismo técnico, transportando-a para um domínio desprezioso e de "baixa-cultura", contrário ao domínio de "alta-cultura".*

João Crilo, Roberto Domingues
e Violeta Salviano Gregório

LEAL & GUERRA



MA HABI
MI TACN

PASSAM PESSOAS AQUI
PARA PARA POUBAREM
DA PLEIA NA LHAS

ATELIER-MUSEU ANTONIO DUARTE

1984 1985 1986

1987 1988

1989 1990

1991 1992

1993 1994

Estuda na Faculdade de Belas-Artes do Porto, na Academy of Arts em Munique e na University of Arts em Berlim, onde vive e trabalha. Em Maio de 2000 participa no projeto "SlowMotion", com vídeos seus em exibição simultânea nas Caldas da Rainha e em Lisboa no dia 4 de junho de 2002, ano anterior ao de produção do filme "Berlin Zoo" aqui apresentado, que interroga sobre o comportamento humano e a sua relação com os espaços em que se desenrola. A sua filmografia recente explora aspectos ficcionais do arquivo e cinema documental, e reflete sobre a história contemporânea de Portugal, em particular sobre as marcas e representações da ditadura, da opressão e do colonialismo. Examina a história dos acontecimentos políticos através da sua representação ideológica nos discursos e nas imagens, em particular daqueles que, produzidos como contraponto às narrativas oficiais, veicularam espaços de resistência, emancipação e liberdade.

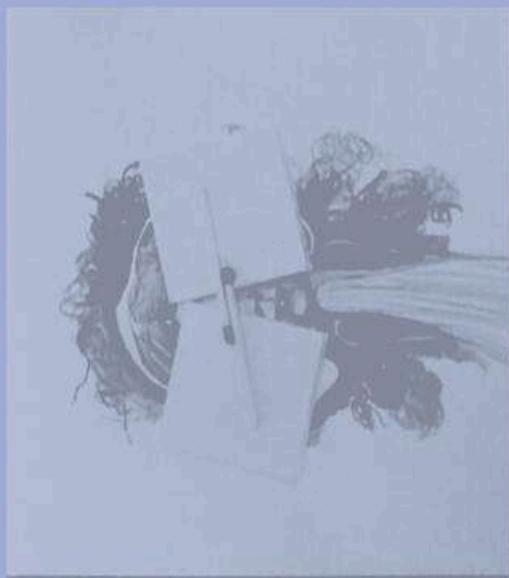
Inês Dias e Lígia Afonso

Filipa César



Inicia a sua jornada académica no Ar.Co - Centro de Arte e Comunicação Visual em Lisboa, terminando-o com um mestrado em Belas Artes pela School of Visual Arts, Nova Iorque. Participa na 7ª Bienal Internacional de Escultura e Desenho das Caldas da Rainha em 1997 com um desenho intitulado "A única coisa boa para fazer com coisas eléctricas na Espanha e Canadá". Em 2004, estabelece-se em Berlim, sendo artista residente no Künstlerhaus Bethanien. Este período revela-se crucial para o desenvolvimento do seu estilo único e fluído em que pintura e desenho se misturam, contaminam e equivalem, em composições não hierarquizadas marcadas por influências culturais diversificadas. Entre os inúmeros projetos em que esteve envolvido, destaca-se a sua presença nas Bienais de Veneza em 2003, São Paulo em 2004 e Berlim em 2006, ou a presença da sua obra em exposições no Centre Georges Pompidou e Palais de Tokyo, Paris, o MUDAM, Luxemburgo ou o Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto.

*Roberto Domingues
e Violeta Salviano Gregório*



Jorge Queiroz



SALA MULTIUSOS BIBLIOTECA DA ESAD.CR

ESAD - ESCOLA SUPERIOR DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Porto, 1976

Formado em Artes Plásticas Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha, vive e trabalha perto de Barcelona. Explora e trabalha com várias formas de expressão artística e com vários formatos como a escultura, a pintura expandida, o desenho, a performance, o vídeo e, principalmente, a instalação site-specific. Utilizando materiais simples, efêmeros e despreziosos como cartão de embalagem e fita adesiva, cria obras que são estruturas temporárias monumentais e que dialogam e transformam o espaço expositivo, enfatizando a natureza transitória e desafiando as convenções de durabilidade na arte. Transforma espaços arquitetónicos em ambientes dinâmicos e reflexivos, convidando o espectador a reconsiderar a relação entre o espaço e a obra de arte. Enganosamente delicados, estes trabalhos caracterizam-se por um estudo intenso da combinação da cor e da mancha

Occupy, 2024 | esta construção com caixas de cartão tem como objetivo criar uma obra coletiva para transformar, ocupar e habitar o espaço expositivo da biblioteca da ESADCR. Em "Occupy", obra cuja primeira versão foi realizada para o Museum of Contemporary Art de Toronto, em 2020, o artista incentiva o público a repensar a sua experiência de arquitetura de um espaço que, ao tempo da sua passagem pela escola, estava dedicado ao bar, ao mesmo tempo que evoca a natureza transitória e frágil das estruturas urbanas. A dimensão performativa da obra é evidente na convocação do público para a entrada, imersão e travessia do seu interior, como se fosse protagonista de uma pintura expandida e vivida.

Leonor Lima, Lígia Afonso e
Violeta Salviano Gregório

Carlos Bunga



ANADOS

LEGENDAS-OBRAS

MUSEU LEOPOLDO DE ALMEIDA (PISO 0)



1. BARTOLOMEU CID DOS SANTOS

Vida silenciosa, 1957

Água-tinta a 1 cor, papel (53 x 40 cm), superfície impressa (22,5 x 17,5 cm)

Ed. Col. da CGD (N.º inv. 625833)

2. BARTOLOMEU CID DOS SANTOS

O barco dos doidos, 1961

Água-tinta a 1 cor, papel (40 x 52,5 cm), superfície impressa (24,5 x 29,5 cm)

Ed. Col. da CGD (N.º inv. 625928)

3. BARTOLOMEU CID DOS SANTOS

Velhos guerreiros tentando iludir o medo, 1963

Água-forte a 1 cor, papel (52,5 x 40 cm), superfície impressa (35 x 26 cm)

Ed. Col. da CGD (N.º inv. 625978)

4. BARTOLOMEU CID DOS SANTOS

Um amante, e zelofo Da Pátria..., 1975

Papel (56,5 x 38 cm), superfície impressa (22 x 17,5cm)

Ed. Col. da CGD (N.º inv. 626206)

5. BARTOLOMEU CID DOS SANTOS

Minha Adelina, 1979

Técnica mista a 3 cores, papel (67,7 x 52,2 cm), superfície impressa (67,7 x 52,2 cm)

Ed. Col. da CGD (N.º inv. 877694)

6. LUÍS FERREIRA DA SILVA

Mercado, 1958

Xilogravura, impressão a 1 cor sobre fundo de cor, papel (40 x 52,5 cm), superfície impressa (34,5 x 44 cm)

Ed. Col. da CGD (N.º inv. 625851)

7. LUÍS FERREIRA DA SILVA

Nazarenas, 1958

Xilogravura a 1 cor, papel (40 x 52,5 cm), superfície impressa (32 x 39 cm)

Ed. Col. da CGD (N.º inv. 625854)

8. LUÍS FERREIRA DA SILVA

Mulheres sentadas, 1960

Xilogravura a 2 cores, papel (53 x 40 cm), superfície impressa (42 x 32 cm)

Ed. Col. da CGD (N.º inv. 625894)

9. HANSI STAËL

Melodia de Lisboa, 1958

Litografia a 1 cor, papel (53 x 40 cm), superfície impressa (44 x 35 cm)

Ed. Col. da CGD (N.º inv. 625852)

10. HANSI STAËL

Mercado, 1959

Litografia a 2 cores, papel (40 x 52,5 cm), superfície impressa (33 x 40,5 cm)

Ed. Col. da CGD (N.º inv. 625876)

11. HANSI STAËL

Gravura (I), 1960

Xilogravura a 1 cor, papel (52,5 x 40,5 cm), superfície impressa (30 x 26,5 cm)

Ed. Col. da CGD (N.º inv. 625905)

12. ZÉ JÚLIO

Meninas de Maputo, 1989

Técnica mista a 2 cores, papel (52 x 75 cm), superfície impressa (37 x 49,5 cm)

Ed. Col. da CGD (N.º inv. 626393)

MUSEU LEOPOLDO DE ALMEIDA (PISO-1)

13. ALBUQUERQUE MENDES

Bxoh xpucta b mockby (Entrada de cristo em Moscovo), 1986

Acrílico e colagem sobre tela, 250 x 146 cm

Col. da CGD (N.º inv. 276099)

14. JOÃO PAULO FELICIANO

Podium Attached to its Own Fake Shadow, 1990

Pódio de madeira laminada, alcatifa, vinil autocolante, carrinho de transporte, correntes, projetores de tungsténio, 100 x 260 x 120 cm

Col. da CGD (N.º inv. 360815)

15. JOÃO PAULO FELICIANO

Xerox Landscape N.º 1, 1993

Fotocópia impressa a quente sobre sarja, 42 x 30 cm

Col. da CGD (N.º inv. 337355)

16. JOÃO PAULO FELICIANO

Xerox Landscape N.º 2, 1993

Fotocópia impressa a quente sobre sarja, 42 x 30 cm

Col. da CGD (N.º inv. 337356)

17. JOÃO PAULO FELICIANO

Xerox Landscape N.º 3, 1993

Fotocópia impressa a quente sobre sarja, 42 x 30 cm

Col. da CGD (N.º inv. 337357)

18. JOÃO PAULO FELICIANO

Xerox Landscape N.º 5, 1993

Fotocópia impressa a quente sobre sarja, 42 x 30 cm

Col. da CGD (N.º inv. 337358)

19. JOÃO PAULO FELICIANO

Xerox Landscape N.º 9, 1993

Fotocópia impressa a quente sobre sarja, 42 x 30 cm

Col. da CGD (N.º inv. 337359)

20. JOÃO PAULO FELICIANO

Xerox Landscape N.º 11, 1993

Fotocópia impressa a quente sobre sarja, 42 x 30 cm

Col. da CGD (N.º inv. 337360)

21. JOÃO PAULO FELICIANO

Xerox Landscape N.º 16, 1993

Fotocópia impressa a quente sobre sarja, 42 x 30 cm

Col. da CGD (N.º inv. 337361)

22. CATARINA LOPES VICENTE

Os dedos não tocam, 2022

Madeira, cola e areia vulcânica.

Instalação de 15 elementos, dimensões variáveis, caixa de transporte: Grampo – oficina de madeira Pinho nórdico, mogno e ferragens, 148 x 41 x 16,5 cm

Col. da CGD (N.º inv. 687646)

23. RICARDO JACINTO

Peça de embalar (double, long and surprise version), 2005

Madeira, cavaletes, pastilha vidrada, lâmpadas fluorescentes e incandescentes, vidro antélio, controlador de luz e acrílico, 168 x 445 x 68 cm

Col. da CGD (N.º inv. 602168)

24. HUGO CANOILAS

Uma ideia clara, 2002

Acrílico sobre tela 190 x 144 cm

Col. da CGD (N.º inv. 573504)

25. ANA VIDIGAL

Woman's Work is never done, 2002

Fio branco, etiquetas de cartolina e cartão colado e agrafado sobre papel pintado

78 x 59 x 13 cm

Col. Da CGD (N.º inv. 571262)

26. FERNANDO TRAVASSOS

Sem título, 2013

Óleo sobre seda, 102 x 95 cm

Col. da CGD (N.º inv. 687636)

28. JOÃO GABRIEL

Sem título, 2022

Óleo sobre papel, 71 x 100 cm

Col. da CGD (N.º inv. 683003)

29. JÚLIO POMAR

L'énigme d'oedipe, 1978

Acrílico e colagem de tecido sobre tela 97,4 x 130,4 cm

Col. da CGD (N.º inv. 219114)

30. CLARA MENÉRES

A Fonte das Águas Ferventes, 1991

Mármore de Mem Martins, néon, ferro e vidro

aramado, 150 x 60 x 40 cm

Col. da CGD (N.º inv. 406171)

31. ANA VIEIRA

O objecto, 1993

Poliéster, 37 x 53 x 18,5 cm

Col. Da CGD (N.º inv. 422042)

32. PEDRO CABRITA REIS

Sem título, 1982

Grafite e lápis de cera sobre papel, 50 x 65 cm

Col. da CGD (N.º inv. 422028)

33. HUGO CANOILAS

Sem título, 2003

Ferro e alumínio pintados, 110 x 90 x 15 cm

Col. da CGD (N.º inv. 573505)

34. PAULO QUINTAS

A noite V, 1996

Óleo sobre tela crua, 175,6 x 142,6 cm

Col. da CGD (N.º inv. 448922)

35. BRUNO PACHECO

Self-portrait as a swing, 2002

Vídeo mono-canal, PAL, formato 4:3, cor, sem som

1'29'' Ed.

36. BRUNO PACHECO

Self-portrait smoking a cigar without the aid of the hands, 2002

Vídeo mono-canal, PAL, formato 4:3, cor, sem som

15'40''

Ed. Col. da CGD (N.º inv. 653556)

37. VON CALHAU!

Rombordados, 2020

Linha amarela em linho preto, 51,5 x 75 cm, 51,5 x

75,5 cm, 75 x 51 cm, 75 x 55,5 cm, 51 x 73,5 cm

Col. da CGD (N.º inv. 574155)

ESPAÇO CONCAS



38. FRANCISCO QUEIRÓS

Friezenwall #1 (V.1.2. - The Forest), 2000

Vídeo mono-canal, PAL, cor, som 5'

37''

Ed. Col. da CGD (N.º inv. 529109)

39. PIZZ BUIN

Auf Auf, 2024

Peluches, etiquetas, tabela de basquetebol, fanzine

A4 P&B e papel reciclado, dimensões variáveis

40. PEDRO DINIZ REIS

AA-ZZ, 2011

26 livros, mesa e cadeira, dimensões variáveis

Col. da CGD (N.º inv. 664284)

41. FRANCISCO QUEIRÓS

Friezenwall #3 (V.3.2. - 100 Acre Hood Swim-

min' Hole Playset), 2000

Vídeo mono-canal, PAL, cor, som,

2'30''

Ed. Col. da CGD (N.º inv. 529110)

42. SARA & ANDRÉ

Sem título (duplas), 2024

Projeção de 80 diapositivos 35mm, dimensões variáveis

ATELIER-MUSEU ANTÓNIO DUARTE



43. FILIPA CÉSAR

Berlin Zoo, Part 02, 2001-2003

Vídeo, PAL, formato 4:3, cor, som 5'

37'' Ed.

Col. da CGD (N.º inv. 557833)

44. JORGE QUEIROZ

Shoe I, 1999

Vídeo mono-canal, PAL, cor, som 25'

10'' Ed.

Col. da CGD (N.º inv. 603771)

SALA MULTIUSOS BIBLIOTECA DA ESAD.CR



45. CARLOS BUNGA

Occupy, 2024

Caixas de cartão e fita kraft, dimensões variáveis

FOTOGRAFIA:

Bruno Lopes pág. 19

José Fabião pág. 12

Paulo Costa pág. 17

Laura Castro Caldas pág. 23, 16, 26 e 24

Paulo Cintra pág. 23, 16, 26 e 24

DMF, Lisboa pág. 25, 16, 13, 21, 32, 15

Bruno Cardoso pág. 8, 9, 10, 11 e 19

Rodrigo Peixoto pág. 8

Joana Garrido pág. 14

Rodrigo Peixoto pág. 22

António Jorge Silva pág. 18, 28 e 11

Toni Hafkenscheid pág. 44

74 X CALDAS = UMA IDEIA CLARA?

A partir da Coleção da CGD

Exposição

Centro das Artes (Museu Leopoldo de Almeida, Atelier-
Museu António Duarte, Espaço Concas), Sala de Multiusos
da Biblioteca da ESAD.CR

De 28 de novembro de 2024 a 3 de março de 2025

Organização

CULTURGEST – Fundação Caixa Geral De Depósitos

Lúcia Marques – Coordenação da Coleção da CGD

Hugo Dinis – Apoio à produção

Maria Manuel Conceição – Conservação preventiva

CENTRO DE ARTES – Câmara Municipal das Caldas
da Rainha

José Antunes – Direção

Cláudia Brás – Produção

Luís Torres – Produção

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

João dos Santos – Diretor ESAD.CR

Lígia Afonso – Coordenação da Licenciatura em Programação
e Produção Cultural ESAD.CR

Sónia Gonçalves – Programação e produção GPDCultural

Francisco Moreira – Comunicação GPDCultural

Curadoria

Lígia Afonso + turma 2023/2024 da Licenciatura em
Programação e Produção Cultural da ESAD.CR/IPLeiria:

Ana Yse Rocha, Angela Pinciotti, Carlos Cordeiro,
Carolina Morais, Francisca Caridade, Inês Dias,
João Grilo, Leonor Dias, Leonor Lima, Lígia Afonso,
Maria Jesus, Maria Beatriz Veloso, Matilde Milhões
Maia, Sara da Silva, Roberto Domingues,
Violeta Salviano Gregório

Artistas Convidados

Carlos Bunga

Pizz Buin

Sara & André

Mediação

Marta Pereira e Catarina Castro – Serviço Educativo Centro
de Artes + turma 2024/2025 da Licenciatura em Programação
e Produção Cultural da ESAD.CR/IPLeiria:

Ana Carolina Simões, Ana Clara Pedrosa,
André Sousa, André Teixeira, António Pereira, Awena
Gatete, Bárbara Santos, Beatriz Pataquinho, Beatriz
Silva, Benedita Alvorão, Cláudia Machado, Éola Lopes,
Eva Frias, Fábio Gaio, Fred Lacoeva, Gabriel Curto,
Leonor Martins, Maria Aragão, Maria Sacramento,
Matilde Neto, Ricardo Serpa, Rita Modesto, Romina
Carrión, Salomé Henriques, Sara Calvo e Simão
Malvar – orientados por Ana João Romana, Orlando
Franco e Miguel Ferrão

Design Gráfico

Joana dos Remédios e Afonso Prata, do mestrado e
licenciatura em Design Gráfico e Multimédia da ESAD.CR/IPLeiria,
orientados por João Maio Pinto e António Gomes

Produção Gráfica

ESAD.CR

Montagem da Exposição

Catarina Castro, Cláudia Brás, João Paulo Ferreira,
Luís Torres, Sofia Gonçalves + turma de 2º ano da
licenciatura em Programação e Produção Cultural

Transporte de Obras

Feirexpo

Agradecimentos

Direção de Serviços de Documentação e Bibliotecas
do Politécnico de Leiria, Equipa da Biblioteca da
ESAD.CR, Equipa da Oficina Digital, Oficina de
Audiovisuais, Gabinete de Organização de Eventos
da ESAD.CR/IPLeiria e Gabinete de Programação e
Difusão Cultural/ IPLeiria

Impressão e Acabamento

Gracal

Rua Moinho de Vento, 44

2500-239 Caldas da Rainha Portugal

Tiragem

1250 exemplares

Novembro 2024

Déposito Legal: 539884/24



A black and white photograph of a protest sign. The sign is a long, horizontal banner with the words "CULTURA RACIONAL!" written in large, bold, black capital letters. The banner is held up by several people, whose heads and shoulders are visible at the top edge. The background is a plain, light-colored wall. The sign is the central focus of the image, and the text is clearly legible.

CULTURA RACIONAL!

Centro de Artes
de Caldas da Rainha

Museu Leopoldo Almeida,
Atelier Museu António Duarte,
Espaço Concas

Sala Multiusos -
Biblioteca
da ESAD.CR

IPLeiria

EXPOSIÇÃO

28 nov. - 3 mar.

Sailor Nox
Ainda Comigo
ao Ilha

74 CALDAS

Uma
Ideia
Clara?

A partir da Coleção da CGD



rpac



CEN
TRO
HAR
TES



LA

CADEIRA
DO PODER
RESPONSÁVEL
PRECISA-SE

CONDIÇÃO
LIVRE

NECESSO
A EDUCAÇÃO
PARA TODOS